

# SAMANTHA HAYES

Bestseller internacional

«ABSOLUTAMENTE BRILHANTE.»

★★★★★

«OBRIGATÓRIO.»

★★★★★

«ARREPIANTE.»

★★★★★

«NUNCA IRÁ ADIVINHAR O FINAL.»

★★★★★

«PARA OS FÃS DE GILLIAN FLYNN.»

# ATÉ QUE SEJAS MINHA



TOPSELLER

ROMANCE

## PRÓLOGO

**S**empre quis ter um bebê, mesmo quando era criança e não sabia de onde eles vinham. É uma dor profunda na alma que me acompanha desde que me lembro — uma doença, um desejo maligno que me invade o corpo, entranhando-se nas minhas veias, percorrendo os milhões de terminações nervosas, e que envolve o meu cérebro de um desejo toldado pelas hormonas. A única coisa que eu queria era ser mãe.

Uma menina. Seria pedir muito?

É estranho e envergonha-me hoje pensar nisso. Quando era criança, costumava pedir um desejo, de olhos bem fechados, invocando todos os poderes mágicos que conseguia, com os dentes e os punhos cerrados, criando um pó mágico imaginário com o talco cor-de-rosa da minha mãe e uma bisnaga de purpurinas prateadas. Espalhava-o por cima do meu Bebê Chorão, sustendo a respiração à espera do momento em que ganhasse vida — era o meu parto virgem e sem dor que durava três minutos.

Sim, agora faz-me rir. Dá-me vontade de partir coisas.

Lembro-me da aura de pó brilhante que caía para a carpete, num movimento de desapontamento, quando eu empurrava gentilmente a boneca inanimada de plástico. Porque é que não respirava? Porque é que não estava viva? Por que razão os póis mágicos, ou Deus, ou os meus poderes especiais — *fosse o que fosse* — não haviam transformado a minha boneca num bebê verdadeiro? Continuava a ser de plástico frio, inanimado, morto. Como chorava com ela ali deitada, imóvel e rígida nos meus braços, envolta num cobertor de croché. O que era feito de todo o amor que lhe dedicara ao longo dos anos — a maior gestação de sempre? Não contariam para nada? Queria arrancá-la do mundo da caixa dos brinquedos para a vida real, para que eu pudesse ser a sua mamã. Será que ela não queria ser minha? Não queria que a amasse, a alimentasse, que a embalasse, que brincasse com ela, a admirasse e estimasse acima de tudo? Será que não me amava também?

Devo ter experimentado os pós mágicos umas 100 vezes. Falhavam sempre, como um desperdício de dinheiro numa fertilização *in vitro* inútil — não que eu soubesse na altura o que isso era. Quando tinha 12 anos, arranquei a cabeça ao Bebê Chorão e atirei-a para as brasas incandescentes da lareira da sala quando ninguém estava a ver. Foi pingando para a borralheira. Os olhos foram a última coisa a derreter, cada um deles a olhar para mim numa direção diferente, naquele azul estonteante.

Maldito bebê derretido.

— Se alguém me vai dar netos, és tu — costumava dizer a minha mãe, com um tremor frenético na face direita.

Eu rezava para não a desiludir. A minha mãe não era o tipo de pessoa que lidasse bem com desilusões. Tivera demasiadas durante a vida para conseguir tolerar mais algumas. A minha irmã mais velha chamava-me «Sissy». Ficara dos tempos em que não conseguia pronunciar bem o meu nome. Temos apenas 18 meses de diferença e, sendo as únicas filhas sobreviventes, tornámo-nos ainda mais próximas, por causa dos cuidados com que a nossa mãe nos sufocava. Para além de nós, a mãe tivera oito abortos, três nados-mortos e um rapaz que morrera de meningite quando tinha 2 anos. Eu era a última — o golpe de sorte final.

— Quase te perdemos também — lembrava-me ela regularmente, como se perder filhos fosse algo de normal.

Ela ficava muitas vezes sentada no velho banco, quase inteiramente coberto pela trepadeira encarnada, a mastigar comprimidos e fumando como uma chaminé. Com um ar eufórico.

Ouvi-la contar que eu sobrevivera contra todas as expectativas devia ter-me feito sentir especial, como se eu fosse tão esperta que, apesar de quase ter morrido, tivesse conseguido quebrar o feitiço. Como se eu só existisse por uma questão de sorte. Fora por causa das enormes quantidades de pós mágicos que eu aqui estava. Viva e bem viva.

O meu pai, pelo contrário, era um homem discreto e despretenhioso, que tomava as refeições debruçado sobre o lava-loiça, a olhar para as três mulheres da sua vida, piscando-me o olho sempre que o terrível sentimento de culpa sobre a minha existência me arrancava lágrimas dos olhos, quase sempre secos. Sentia imensa pena de todos os meus falecidos irmãos e irmãs, como se fosse eu que os tivesse empurrado para tomar o seu lugar. O meu pai dava uma garfada no puré de batata, com um cigarro atrás da orelha para quando

acabasse de comer, sempre com aqueles círculos de pó de carvão à volta da garganta. Adorava-me. Fazia-me festas no cabelo quando a mãe não estava a ver. Estava à beira da morte desde que me lembrava.

Ainda tinha os círculos de pó de carvão à volta do pescoço quando espirei para dentro do caixão, sem conseguir articular palavra, aos 15 anos. Aquele colar tatuado, de tantos anos passados na mina (cancro do pulmão e, para cúmulo, ainda por cima, um enfisema, contava a minha mãe a toda a gente, cheia de orgulho), era a única coisa nele que eu fui capaz de reconhecer. Durante o velório, ouvi a minha mãe dizer à minha tia Diane que talvez o pai tivesse ido para o céu e renascesse. A minha mãe acreditava em todos esses disparates espirituais e chegou a procurar um médium, mal o meu pai acabara de morrer. A tia Diane costumava fazer sempre todas as vontades da minha mãe, durante os seus momentos «menos normais», como lhes chamava, para que se sentisse melhor. Porém, desta vez, acho que foi para que a minha irmã e eu nos sentíssemos melhor, para nos fazer crer que estava tudo bem, apesar de não estar.

— A vossa mãe tem a cabeça cheia de teias de aranha? — disse-nos certa vez.

Depois desse episódio, desejei muito que antes fosse a tia Diane a nossa mãe.

Mais tarde, no banho, espalhei os restos do velho pó mágico por cima da barriga, fingindo que eram as cinzas do meu pobre pai, rezando para que fosse absorvido pelos meus ovários, pelo meu útero, e se transformasse num bebé, que não tivesse morrido. Desejara sempre tomar conta de qualquer coisa. Para mim, era o melhor que poderia existir no mundo. Melhor do que isso, só ter alguém para tomar conta de mim. Mais do que tudo na vida, sabia que a mãe ficaria feliz por ter o meu pai vivo outra vez — mesmo que renascesse como rapariga.

Então, decidi que ter um bebé seria a missão da minha vida.

— **R**esponderam ao anúncio. Espreito por detrás da tampa do meu portátil, com uma expressão meio triste. Parte de mim preferia que ninguém respondesse, que eu fosse capaz de dar conta do recado sozinha. O calor do computador está a cozer-me as pernas, mas não me apetece mexer. É ao mesmo tempo um instrumento de trabalho e um aquecedor.

— Não devias ter isso tão perto, sabias?

O James dá uma pancadinha no ecrã quando passa por mim a caminho do armário. Pega num wok.

— Por causa das radiações, e assim.

Amo-o porque cozinha, porque se preocupa comigo.

— A ecografia diz que ela tem bracinhos e perninhas. Deixa de te preocupar.

Já lhe mostrara as imagens dezenas de vezes. Faltara a todas as ecografias.

— Vem aí uma menina saudável a caminho.

Remexo-me desconfortavelmente na cadeira e pouso o computador no sofá velho ao meu lado.

— Não estás interessado em saber quem respondeu ao anúncio?

— Claro que sim. Conta.

O James unta a frigideira com azeite. É um cozinheiro muito desorganizado. O círculo de chamas azuis ganha vida quando põe o fogo mais alto. Morde o lábio de baixo e atira bocados de frango para o wok. O fumo é chupado pelo exaustor.

— Chama-se Zoe Harper — digo-lhe, por cima do barulho da fritura.

Leio outra vez os pormenores do e-mail.

— Diz que tem imensa experiência e as qualificações todas.

Vou ligar-lhe mais tarde, ver como é a voz dela. Não posso parecer contrariada, apesar de a ideia de ter uma estranha em casa não

me ser particularmente agradável. Bem sei como o James anda preocupado que eu não consiga dar conta do recado quando ele se for embora outra vez. E tem razão, claro. Vou precisar de ajuda.

A nossa conversa sobre a ama é subitamente interrompida pelo barulho, a confusão e os gritos que vêm da sala. Levanto-me do sofá, com as pernas afastadas e as mãos no fundo das costas, para apoiar a coluna. Levanto a mão para impedir o seu impulso de me poupar.

— Deixa estar, eu vou lá.

Desde que chegou a casa, parece que acha que não sou capaz de fazer nada. Provavelmente porque da última vez que me viu o meu corpo ainda não parecia uma casa.

— Oscar, Noah, o que é que se passa?

Paro à porta da sala. Os rapazes olham para mim. Deixados sozinhos, tinham-se embrenhado no começo de uma guerra. O Oscar tem uma crosta amarelada no canto da boca. O Noah está a bramar a espingarda de brincar do irmão.

Só os deixo brincar com esse tipo de coisas quando o James está em casa. Ele não vê mal nenhum. No resto do tempo, esses brinquedos estão fechados num armário. As armas de plástico foram um tema polémico naquele jantar horrível, há uns anos, pouco tempo depois de ter conhecido o James. Queria que todos os amigos dele gostassem de mim, que não fizessem comparações, que confiassem em mim, em que eu também tinha os meus instintos maternos, no que dizia respeito a educar os filhos que acabara de herdar.

— Como é que resolves esse tipo de coisas com os gémeos, Claudia? — perguntara-me uma das convivas, quando disse que não gostava de ver crianças a brincar com espadas e pistolas.

Deus sabe como eu, no meu trabalho, vejo suficientes miúdos problemáticos para saber que há coisas bem melhores para brincarem.

— Deve ser difícil ser mãe... mas *não ser* — terminou ela.

Tivera vontade de lhe dar um estalo.

— Anda cá, Os — digo-lhe, e faço o inimaginável.

Humedeço com a língua um lenço e limpo-lhe a boca. Ele desembaraça-se de mim. Lanço um olhar para a espingarda na mão do Noah. Tirá-la causaria um incidente grave.

Nesse jantar, explicara timidamente que, como madrastra de dois rapazes gémeos cuja mãe biológica morrera de cancro, achava que isso me dava o direito de me considerar mãe deles — mas ninguém me ligou importância ou sequer ouviu. Já tinham mudado de assunto.

— O James é da Marinha — dera por mim a dizer —, por isso, claro que eles têm um fascínio por guerras... não é propriamente um assunto proibido em nossa casa, mas...

Por essa altura, já estava vermelha como um tomate. Só queria que o James me levasse para casa.

— Devolve a espingarda ao teu irmão, Noah. Tiraste-lha?

O Noah não me responde. Levanta a espingarda de plástico, aponta para a minha barriga e puxa o gatilho. Ouve-se um ligeiro estalido de plástico quando dispara.

— Pum. O bebé morreu — diz ele, sorrindo com os dentes todos.

\*

— Estão a dormir. Mais ou menos... — diz o James.

Traz vestida a sua camisola preferida, aquela que não sabe que costume usar para dormir quando ele está fora. E tem um copo de vinho. Que sorte a dele nesta sexta-feira à noite. Eu tenho um chá de hortelã e dores no fundo das costas. Parece-me que tenho os tornozelos inchados hoje.

Senta-se ao meu lado no sofá.

— Que tal te pareceu ela, a tal Mary Poppins?

Passa um braço pelos meus ombros, e entrelaça os dedos nas pontas dos meus cabelos.

Enquanto estava a deitar os rapazes — cantando, já levemente tocado, o *Janie's Got a Gun* dos Aerosmith, mas com os nomes do Oscar e do Noah — eu tinha ligado à tal Zoe Harper, a mulher que respondera ao anúncio.

— Pareceu-me... bem — respondo-lhe, sem muita convicção, porque não estava nada à espera que me fosse parecer bem. — Um encanto, mesmo. Confesso que preferia que me tivesse parecido uma bruxa, e que se percebesse que estava embriagada.

A verdade é que já tivera duas amas à experiência e, de uma maneira ou de outra, não eram aquilo que tinham prometido ser. Além disso, os rapazes não se tinham habituado a elas. Por isso, entre amigos compreensivos, a creche e, mais recentemente, o pequeno-almoço na escola e os tempos livres à tarde, temos conseguido dar conta do recado. O James defende insistentemente que quem quer que seja que tome conta deles deve ficar cá em casa enquanto estou a trabalhar e, agora que a nossa filha vem a caminho, quer que as

coisas fiquem mais organizadas.

— Mas a verdade é que não foi nada disso — digo, vendo a sua expressão esperançada. — Quer dizer, não me pareceu uma bruxa.

Com o James fora, no mar, durante semanas, ou mesmo meses, de cada vez que parte em serviço, e comigo a tentar adaptar-me a um emprego muito exigente em termos de horas, que nem sempre são regulares, andava cheia de sentimentos de culpa. Queria ser a melhor mãe possível, mas sem abdicar da minha carreira. Era algo que prometera a mim própria quando passara a fazer parte desta família. Gosto imenso do meu trabalho, faz parte de quem sou. Acho que quis tudo, e agora estou a pagar o preço.

— Sim, pareceu-me perfeitamente normal e descontraída.

Ficámos em silêncio durante uns instantes, ambos a avaliar o que tínhamos feito — o anúncio levava várias noites de ponderação. Acho que nunca pensámos no que iria acontecer depois: voltaríamos a ter alguém a viver connosco.

— Meu Deus, e se ela for como as duas últimas? Não é justo para os rapazes. Nem para o bebé. Nem para mim.

Dou um jeito à barriga, para conseguir pôr as pernas em cima do sofá.

— E se instalássemos uma câmara de vigilância? — sugeriu o James.

Serve-se de outro copo de vinho.

— Deixa-me só provar — peço-lhe, aproximando-me, desesperada por beber nem que seja um bocadinho.

— Ai, os vapores... — responde ele, afastando o copo de mim e tapando-o com a outra mão.

Bato-lhe no ombro e sorrio. Sei que é só porque se preocupa comigo.

— Mas eu preciso de vapores. Uma câmara de vigilância? Não estás a falar a sério, pois não?

— Claro que estou. Toda a gente faz isso.

— Não faz nada. Isso é uma violação dos direitos de... dos direitos humanos das amas, ou assim. Além disso, o que é que estás à espera que eu faça? Que passe o dia inteiro a olhar para o computador, para ver os rapazes a brincar com legos enquanto a ama dá biberão ao bebé? Assim, deixa de fazer sentido termos a ama, não é?

— Então, deixa de trabalhar — diz ele, num tom de voz sumido mas a falar a sério.



— James — replico, sem querer acreditar que ele esteja a tentar outra vez. — Não vamos voltar a essa conversa.

A mão que lhe pousou na anca serve de aviso suficiente, e ele encolhe os ombros e liga a televisão. Está a dar o *Hospital Infantil*. A última coisa que me apetece ver são crianças doentes, mas não está a dar nada melhor.

Fico a pensar na ideia da câmara. Talvez pudesse resultar.

De repente, o Oscar aparece à porta, estático, para causar mais impressão (o que ele faz tão bem) — um rapazinho num cenário horrível a deitar sangue do nariz. Nem sequer tenta estancar a hemorragia. O seu pijama de bonecos parece saído de um filme de terror.

— Oh, meu querido Ossy — exclamo.

Não vale a pena mexer-me. O James levanta-se rapidamente com uma pilha de lenços na mão, que tirou da caixa que está em cima da mesa.

— Outra vez, não.

O James limpa-o e senta-o no sofá ao meu lado. Vai buscar gelo e o Oscar encosta-se a mim para que eu lhe faça festas. Pousa a cabeça na minha barriga e fico com a t-shirt cheia de sangue.

— A bebé diz que gosta muito de ti, Ossy — digo-lhe.

Ele olha para mim com aqueles grandes olhos azuis e um nariz como que assassinado, cheio de sangue. O James aparece com um pacote de ervilhas congeladas.

— Um pano da loiça? — peço-lhe, para não pôr o pacote diretamente na pele do Oscar.

O James acena com a cabeça e vai buscar uma toalha.

— Como é que ela pode gostar de mim? Nem sequer me conhece — diz ele, com a voz nasalada.

— Bem...

O James volta outra vez. Embrulho as ervilhas no pano da loiça e ponho-o sobre a cana do pequeno nariz do Oscar, enquanto faço suavemente pressão. O médico diz que, se continuar assim, precisa de ser cauterizado.

— Ela gosta muito de ti, garanto-te. É instintivo, inato. Os bebés já vêm com o seu próprio amor e ela já sabe que a amamos.

— O Noah não gosta dela — responde o Oscar, por baixo das ervilhas. — Ele diz que a odeia e que quer dar cabo dela com a espingarda.

Mesmo tratando-se do Noah, o meu filhinho adotivo, sinto-me estremecer por dentro.

— Se calhar, está só com ciúmes. Vais ver que lhe passa assim que ela nascer.

Espreito por cima da cabeça do Oscar e o meu olhar cruza-se com o do James. Cada um de nós faz uma careta, imaginando que mais maravilhas nos esperarão, com três crianças com menos de 5 anos em casa. E, mais uma vez, fico preocupada que voltem a não se habituar à nova ama. Talvez fosse tudo mais fácil se deixasse mesmo de trabalhar...

— Vamos lá ver como é que isso está.

Levanto o pacote de ervilhas e retiro o lenço manchado de sangue. Parece que já está estancado.

— Como eu estava a dizer — continuo, depois de aconchegar o Oscar na cama —, a tal Zoe Harper pareceu-me... encantadora.

Não me consigo lembrar de outros adjetivos.

— Não, a sério! — Rio-me, quando o James faz uma careta.  
— Ai, sei lá...

Passo as mãos pela barriga.

— Pelo que ela diz, já trabalhou no Dubai e em Londres.

— Que idade tem?

O seu hálito cheira a vinho. Apetece-me beijá-lo.

— Trinta e qualquer coisa, acho eu. Não perguntei.

— Ora que inteligente da tua parte. Pode ter 12 anos.

— Não me trates como se eu fosse uma idiota, James. Vou desmontá-la peça por peça, virá-la do avesso, e depois voltar a juntar as peças todas. Quando acabar, hei de saber mais sobre ela do que ela própria.

— Só não entendo por que razão hás de voltar ao trabalho. Não é por precisarmos de dinheiro.

É nesta altura que me rio. Uma sonora gargalhada.

— James... — Viro-me de lado e encosto-me a ele. Beijo-lhe o pescoço. — Desde o início que sabias como iria ser. Queríamos ter um filho, mas eu também gosto imenso do meu trabalho. É egoísmo da minha parte querer tudo?

Beijo-o de novo e, desta vez, ele também me beija. É tão difícil para nós. Mas ele sabe como é. São ordens do médico. E, desta vez, vou cumpri-las à risca.

— Além disso, seria um descalabro, lá no departamento, se eu deixasse completamente de trabalhar. Já temos tão pouco pessoal.

— Pensei que a Tina iria ficar a tratar de tudo quando te fosses embora...

Abano a cabeça, e começo a ficar irritada.

— O meu trabalho vai ser distribuído por toda a gente, enquanto estiver de licença de maternidade. Mas, quando a bebé e os rapazes já estiverem ambientados, quero voltar. Assim, pelo menos, se eu trabalhar até ao parto, vou ter mais tempo para ficar em casa depois de ela nascer.

Sentindo a minha ansiedade, o James agarra-me a cara e dá-me um beijo na boca. É um beijo terno, que diz: não volto a falar nisso e, mais importante ainda, não vou insistir em termos sexo.

— Seja como for, a tal Zoe Harper, a ama magnífica, vem tomar café amanhã de manhã, às 11 horas — digo-lhe, e sorrio.

— Está bem — responde ele, e muda de canal para a Sky News.

Começa a distrair-se com as notícias da bolsa e a queixar-se sobre o seu fundo de pensão e os investimentos. Eu não sou capaz de ver tão adiante — ser velha, reformada, precisar de mexer na herança do James. Só consigo ver o final da minha gravidez, ter a minha filha, sermos uma família completa. Ser mãe, por fim.

Vou chegar atrasada. O rosto arrepia-se-me ao sentir o ar gelado fustigar-me a pele. Não posso chegar tarde. Preciso mesmo deste emprego e nem sequer ponho a hipótese de não conseguir. Ninguém imagina o quanto quero este emprego na casa do James e da Claudia Morgan-Brown. Quero caçá-los — com o apelido duplo e uma casa grande em Edgbaston. Pedalo mais depressa. Vou chegar lá num estado lastimoso, completamente suada. Quem se lembraria de vir de bicicleta? Seria para os impressionar com a minha paixão pelo ar livre, a minha preferência por transportes ecológicos, o meu gosto pelo exercício físico, coisas que irei, sem dúvida, transmitir aos seus filhos? Ou talvez fosse apenas para que achem que sou uma idiota por chegar a uma entrevista de trabalho de bicicleta.

— St. Hilda Road — vou repetindo, enquanto olho para as placas.

Desequilíbrio-me um pouco ao estender o braço para virar à direita. Um carro apita quando começo a andar aos ziguezagues no meio da estrada.

— Desculpe! — grito-lhe, ainda que este não me pareça o tipo de bairro onde as pessoas gritem.

Nada disto tem alguma coisa a ver com a minha casa... a minha *última* casa.

Encosto junto ao passeio e tiro um papel do bolso. Verifico a morada e sigo em frente. Passo por mais duas ruas e viro à esquerda, para a deles. As casas já eram grandes, mas, na St. Hilda Road, são enormes. Imponentes edifícios de estilo georgiano, construídos no meio de jardins, ladeando uma rua alinhada de árvores. Residências de grandes senhores, como lhes chamam os agentes imobiliários.

A casa do James e da Claudia é, como todas as outras, uma construção de época, rodeada por um jardim, o andar de baixo quase coberto por uma grande trepadeira-da-virgínia. Não faço jardinagem, mas é igual à que havia na minha casa de infância que, por acaso, caberia 20 vezes dentro desta. A trepadeira ainda tem algumas folhas

encarnadas, apesar de estarmos a meio de novembro. Atravesso com a bicicleta uns enormes portões de ferro forjado abertos. Oiço a gralva a estalar debaixo dos pés. Nunca me senti tão exposta.

A propriedade dos Morgan-Browns é uma casa simétrica de tijolos encarnados. A porta da frente, ladeada por um pórtico de pedra, está pintada de verde acetinado. De cada lado da impressionante entrada há duas grandes janelas de vitrais. Não sei o que fazer à bicicleta. Coloco-a no chão de gralva, ao fundo dos degraus da entrada? Os canteiros de rosas em forma de diamante e os bem tratados quadrados de relva da zona de estacionamento ficariam a parecer uma sucata. Olho em volta. Há uma árvore do lado de fora dos portões principais. Volto rapidamente para a rua. As raízes estão a rebentar e a rachar o pavimento, como um pequeno tremor de terra, e o tronco é demasiado grosso para a corrente da minha bicicleta. Ando um pouco mais para a frente e reparo numa entrada mais pequena ao lado da casa, que dá para uma garagem de três carros. Entro novamente na propriedade, timidamente, sentindo dezenas de olhares fixos em mim das janelas, observando a minha chegada desajeitada e incompetente.

Não sei o que fazer à bicicleta. Tem um ar demasiado imaculado e novo para quem, em princípio, vai de bicicleta para todo o lado. Resolvo encostá-la ao muro da garagem, onde não se vê nem da rua nem da casa. Tenho cuidado para não raspar com o guiador no enorme todo-o-terreno nem no *BMW* que estão estacionados lado a lado.

Respiro fundo e passo os dedos pelo cabelo para lhe voltar a dar algum jeito. Limpo o suor da cara com a manga. Vou outra vez até à porta da casa e bato três vezes com o enorme batente de latão, um peixe virado para baixo. Tem a boca aberta na minha direção.

Não tenho de esperar muito. Uma criança pequena vem abrir a porta, como se isso lhe exigisse todas as suas forças. O rapazinho é quase transparente de tão pálido, dá-me pela cintura e tem o cabelo loiro despenteado. Calculo que seja uma das crianças de que iriei tomar conta. Pelo que sei, são gémeos.

— O que é? — pergunta, malcriado.

— Olá! — Baixo-me, como fazem as amas. Sorrio. — Sou a Zoe e venho falar com a tua mãe. Ela está?

— A minha mãe está no céu — responde ele, tentando fechar a porta.

Devia ter trazido doces ou qualquer coisa assim.

Antes que me decidisse entre empurrar a porta e arriscar uma luta com o miúdo, ou bater outra vez com o peixe, aparece uma mulher linda. A barriga é enorme, saliente por baixo de uma camisola elástica preta, e está mesmo diante da minha cara. Não consigo desviar o olhar.

— Deve ser a Zoe — diz ela.

A voz dela é tão maravilhosa quanto o resto. Faz-me voltar à realidade. O sorriso que esboça desenha um leque de pequenas rugas ao lado dos olhos e duas covinhas nas bochechas. Parece a mulher mais simpática do mundo.

Ponho-me de pé e estendo a mão.

— Sim, e a senhora deve ser a Sra. Morgan-Brown.

— Trate-me por Claudia, por favor. Entre — diz, sorrindo.

A Claudia chega-se para o lado e eu entro dentro da casa. Cheira a flores — há uma jarra com lírios na mesa da entrada — mas, sobretudo, a torradas queimadas.

— Vamos para a cozinha, é confortável. Fiz café — diz a Claudia, brindando-me com o seu sorriso e a enorme barriga.

O miúdo que abriu a porta vem entre nós as duas, olhando para mim enquanto atravessamos o chão de mosaicos pretos e brancos. Traz uma pistola de brinquedo enfiada na cintura das calças.

Entramos na cozinha. É enorme.

— Querido, esta é a Zoe.

Um homem levanta os olhos do *Times*. É bonito, como toda a gente desta família.

— Olá — digo-lhe, no tom mais animado que consigo.

Há um momento de hesitação entre nós.

— Olá, sou o James. Prazer em conhecê-la.

Levanta-se por uns instantes e estende-me a mão.

A Claudia serve-me o café que saiu, como que por magia, de uma máquina impecável, com um ar complicadíssimo — uma máquina que terei de saber usar se conseguir o emprego. Bebo um gole e olho à minha volta, tentando não deixar cair o queixo. É uma cozinha impressionante. O lugar onde moro... onde quase *não* moro... tem uma cozinha do tamanho de um armário. Não tem espaço para uma máquina de lavar loiça, nem para estes eletrodomésticos chiques. Mas a verdade é que somos só os dois e quase não demora tempo nenhum lavar dois pratos e uma panela.

Porém, esta cozinha é de cortar a respiração. Por detrás do lava-loiça duplo, duas enormes janelas de estilo georgiano dão para um

jardim gigantesco demais para uma casa de cidade. Há armários pintados de creme ao longo de três das paredes, e um fogão *Agá* encarnado, do tamanho de um carro, encastrado debaixo de uma chaminé antiga. As bancadas de madeira da mesma cor de mel do chão antigo de tábuas corridas dão-lhe um ar campestre. Deste lado da cozinha, ao pé da mesa de pinho, um sofá velho cheio de almofadas e uma manta velha e suja. Está coberto de peças de lego.

O James dobra o jornal e senta-se lá. Sento-me ao seu lado. Cheira a sabonete. Não há lugar para a Claudia, mas ela vai buscar uma das cadeiras da mesa.

— Fico melhor aqui sentada — explica ela. — É preciso uma grua para me levantar desse sofá.

Há um momento de silêncio.

Então, há dois miúdos que não param quietos aos nossos pés. Iguais. Estão à bulha por um brinquedo de plástico.

— Oscar — diz o James, num tom cansado —, dá-lhe isso.

Não percebo porquê. Ele tinha o brinquedo primeiro.

— Então — digo eu, quando a confusão acalmou —, querem saber tudo sobre a minha experiência...

Trouxe tudo preparado, sabido na ponta da língua. Até sei a cor dos olhos da minha última patroa, e a cilindrada do motor do carro. Castanho-esverdeado e 2,5 litros. Estou preparada para tudo.

— Com quantas famílias é que já trabalhou? — pergunta a Claudia.

— Quatro, ao todo — respondo sem hesitar. — O período mais curto foi de três anos. Só me vim embora porque foram viver para o Texas. Poderia ter ido com eles, mas preferi continuar a viver em Inglaterra.

Ótimo. Parece-me bem impressionada.

— Porque é que saiu do seu último emprego? — intromete-se o James.

É a primeira vez que demonstra algum interesse. O mais provável é deixar que seja a mulher a tomar a decisão, para não ser responsável se acabarem por contratar uma ama infernal.

— Ah — respondo, com um sorriso confiante —, as amas costumam deixar de ser precisas quando as crianças crescem.

A Claudia ri-se, mas o James não.

Tive o cuidado de me vestir discretamente hoje — umas calças simples e leves para vir de bicicleta, mais ou menos cor de ferrugem,

e uma t-shirt cinzenta de gola subida, com um casaco de malha amarelo-claro por cima. O cabelo curto e ligeiramente despenteado — na moda, mas não demasiado. Sem anéis. Só o meu colar com o coração de prata. Foi um presente especial. Fica-me bem. Dá-me um ar de ama.

— Estive com os Kingsleys durante 5 anos. A Beth e a Tilly tinham 10 e 8 anos quando comecei. Quando a mais pequena foi para o colégio interno, aos 13, deixaram de precisar de mim. A Sra. Kingsley, a *Maggie*, disse que, para que eu não me fosse embora, até valia a pena ter outro bebé.

Tratei-a pelo nome próprio porque, pelos vistos, é assim que a Claudia gosta. Tudo pelo nome próprio.

*A maneira como tem as mãos gentilmente pousadas sobre a barriga inchada... está a dar cabo de mim.*

— Então, há quanto tempo está desempregada? — pergunta o James, num tom ligeiramente rude.

— Não me considero propriamente desempregada. Saí da casa dos Kingsleys no verão. Levaram-me com eles para a casa de férias no sul de França, como presente de despedida, e depois fui fazer um curso, curto mas intensivo, em Itália, no centro Montessori.

Fiquei à espera da reação.

— Oh, James. Sempre disse que os miúdos deviam ir para uma escola Montessori.

— Foi uma experiência fantástica — disse eu. — Mal posso esperar por pôr em prática tudo o que aprendi.

Não me posso esquecer de voltar a ler as informações sobre o Montessori.

— Aprendeu a tratar de dois delinquentes de 4 anos? — perguntou o James, com um sorriso.

Não pude deixar de soltar uma gargalhada.

— Sem dúvida.

Então, como se de propósito, levo com uma chuva de lápis de cera em cima. Tento não me mexer.

— Estão a tentar ver se me pintam?

O gêmeo da porta — só sei que é ele por causa da camisola verde que traz vestida — lança-me um silvo através dos dentes cerrados. Apanha uns quantos lápis de cera do chão e atira-mos à queima-roupa.

— Para imediatamente com isso, Noah — diz-lhe o pai, mas o miúdo não lhe presta atenção.



— Tens uma folha de papel? — pergunto, tentando ignorar a dor que sinto na bochecha.

— Desculpe — pede a Claudia. — Eles são um pouco irrequitos, mas não são propriamente malfeitores. Só o Noah é um pouco difícil, às vezes.

— Problemas no parto — acrescenta o James em voz baixa, enquanto os miúdos discutem quem vai buscar o bloco de papel.

Olho para a Claudia e fico à espera que me conte o resto. Já sei o que vai dizer.

— Não foi comigo — começa ela, acariciando a barriga com a mão. — Os gémeos não são meus. Quer dizer, são, claro, mas não sou a mãe biológica. Só para que saiba.

— Ah, muito bem...

— A minha primeira mulher morreu de cancro quando os rapazes tinham 2 meses. Apareceu de repente e acabou por matá-la...

Ergue uma mão quando vê a minha súbita expressão condoída.

— Não, não faz mal.

Cerro ligeiramente os lábios, com compaixão, e baixo respeitosa-mente o olhar. É o que basta.

— Muito bem! — digo ao Noah, quando ele aparece a correr com um bloco de papel não mão. — E agora, vamos fazer uma corrida para ver quem é que consegue apanhar mais lápis de cera do chão? E depois, um concurso para ver quem é que consegue fazer melhor o meu retrato. Está bem?

— Xim! — diz o Oscar, aos saltos de entusiasmo e com as bochechas rosadas.

O Noah fica parado a olhar para mim por um segundo — perturbador, devo dizer —, e depois arranca calmamente uma folha do bloco.

— Toma, Oscar.

Dá a folha ao irmão.

— Muito bem — digo-lhe. — E agora, vamos a isso! E quero ver os desenhos quando acabarem!

Os gémeos vão-se embora a arrastar os chinelos ridículos — personagens de uns desenhos animados quaisquer — e sentam-se à mesa com os lápis. O Oscar pede o azul ao irmão. O Noah dá-lho.

— Estou impressionado — diz o James, a custo.

— É pura distração, com um pouco de rivalidade saudável entre irmãos à mistura.

— Estamos à procura de alguém para ficar a dormir cá em casa de segunda a sexta-feira, Zoe. É problema para si?

A Claudia corou ligeiramente, deixando-me a imaginar que eu lhe tocara com os dedos, e espalhado um pouco de blush. O calor da gravidez...

— Não é problema nenhum.

Penso no apartamento, em tudo o que lá tenho. Depois, imagino-me a viver aqui. O meu coração dispara, por isso, respiro fundo.

— Percebo perfeitamente que precise de alguém a todas as horas do dia durante toda a semana.

Para ser sincera, a altura em que este emprego apareceu é perfeita.

— Mas pode ir a casa aos fins de semana — diz ela.

Sinto um aperto no coração, mas não demonstro a minha decepção. Tenho de ser exatamente aquilo de que eles estão à procura.

— Posso desaparecer na sexta-feira à noite e reaparecer como que por magia na segunda-feira de manhã. Mas também posso ficar durante os fins de semana, se for preciso.

Por agora, é uma resposta satisfatória, espero. Na verdade, assim não vai resultar. Não consigo deixar de acreditar no destino.

— Olha! — grita o Noah, acenando uma folha de papel na minha direção.

— Ah, não mostres até teres acabado — digo-lhe, e volto-me para os pais. — Quando começo um emprego, gosto de tornar-me parte da família, mas também de manter as distâncias, compreendem? Estou aqui se precisarem de mim, e desapareço quando não precisam.

A Claudia acena com a cabeça, em jeito de aprovação.

— Eu passo grande parte do tempo no mar — informa-me o James. Não é preciso dizer-me.

— Sou oficial da Marinha. Num submarino. Por isso, vai lidar sobretudo com a Claudia.

*Vai lidar sobretudo com...* como se, na cabeça dele, o emprego já fosse meu.

— Quer dar uma volta pela casa? Para ver o que a espera?

A Claudia já está de pé, com as mãos nas ancas, na posição típica das grávidas. Faço questão de não lhe olhar para a barriga.

— Com certeza.

Começamos pelo andar de baixo e a Claudia guia-me de uma sala para a outra. São todas grandiosas e algumas parecem nunca ser usadas.

— Não usamos muitas vezes — diz ela, quando entramos na sala de jantar, ecoando os meus pensamentos. — Só no Natal, e em ocasiões especiais. Quando recebemos amigos para jantar, costumamos comer na cozinha.

A sala é fria e tem uma mesa comprida polida e 12 cadeiras bastante trabalhadas à volta. Tem uma lareira ornamentada com intrincadas cornijas de gesso, e um candelabro em tons violeta ao centro. É uma sala magnífica, mas nada acolhedora.

Atravessamos novamente a entrada, com os seus mosaicos de xadrez.

— E os rapazes, bom, não costumam entrar nesta sala.

Estão proibidos, quer ela dizer. Mostra-me uma sala enorme com sumptuosos sofás beges. Não tem televisão, só muitos quadros antigos nas paredes, e mesas com pratos de vidro e candeeiros em cima. Imagino os gémeos com os sapatos cheios de lama a saltarem de um sofá para o outro, com grandes paus nas mãos, as peças de decoração pelos ares e os quadros rasgados. Disfarço o sorriso.

— E é aqui que vemos televisão — diz ela, quando passamos à sala seguinte. — É muito quente e confortável quando temos a lareira acesa.

A Claudia segura a porta e eu espreito. Vejo grandes sofás roxos e um tapete grosso felpudo. Uma das paredes está coberta de estantes, a transbordar de livros. Imagino-me ali a ler com os miúdos, à espera que a Claudia chegue a casa, para lhe preparar um banho, e perguntar-lhe em que dia espera que nasça o bebé. Serei a ama perfeita.

— E este é o quarto dos brinquedos. — Hesita, com a mão na maçaneta. — Tem a certeza de que quer entrar? Geralmente, parece um jardim zoológico.

— É muito agradável — comento, ao passar por ela.

É aqui que tenho de brilhar.

— Excelente. Tem imensos legos. Adoro. E estes livros todos. Faço questão de ler para as minhas crianças pelo menos três vezes por dia.

É melhor ter cuidado. A Claudia está a olhar para mim como se eu fosse quase demasiado perfeita.

No andar de cima, há uma série de quartos ao longo do corredor de balaustrada. Espreito para dentro da suite de visitas, e depois mostra-me o quarto dos miúdos. Partilham o mesmo, e está arrumado. Duas camas de solteiro com edredões encarnados e azuis, um grande tapete com desenhos de estradas cinzentas e casas

achatadas e, a um canto, duas gaiolas com, imagino, hamsters ou ratos lá dentro.

— Temos uma empregada que vem três vezes por semana. Não precisa de fazer nada disso.

Aceno com a cabeça.

— Não me importo de fazer algumas coisas em casa, mas prefiro passar o tempo a tomar conta das crianças.

— Venha cá acima ver os seus quartos.

*Os seus quartos.*

Mais um lanço de escadas leva-nos ao último andar. Não é um sótão daqueles cheios de pó e de caixotes, mas de tetos esconsos, traves e móveis antigos de casa de campo. No pequeno corredor, uma velha cómoda pintada de branco. O chão está coberto por um tapete de sisal e há corações de patchwork pendurados nas portas que dão para o corredor.

— Há três divisões aqui em cima. Um pequeno quarto de dormir, uma sala e uma casa de banho. Pode comer connosco lá em baixo na cozinha, se quiser. Use-a como se fosse sua.

*Sua.*

— É lindo — respondo. — Muito acolhedor.

Parece saído de uma revista de decoração e, para ser sincera, não é o meu estilo.

— Aqui em cima, pode ter um pouco de sossego. Vou proibir os rapazes de subirem.

— Ah, não é necessário. Podemos divertir-nos aqui em cima.

Dou outra vez uma olhadela pelas divisões, entrando em cada uma como uma criança empolgada. O quarto tem o teto esconso e uma pequena janela que dá para o jardim, na casa de banho há uma banheira de bordos revirados e uma retrete antiga.

— Adoro! — exclamo, desesperada para que ela saiba que gostei, sem denunciar a minha condição de quase sem-abrigo.

De volta à cozinha, onde o James está novamente a ler o jornal, a Claudia entrega-me uma lista. Tem duas páginas.

— É uma lista de tarefas e de coisas que queremos de si. E das que não queremos.

— Excelente ideia — respondo. — Assim, não há mal-entendidos — acrescento, pensando que por mais listas que ela escreva, por mais regras e descrição das tarefas de que se lembre, tudo isso será inútil no futuro.

— Estou sempre aberta a sugestões das minhas famílias. Gosto de ter uma reunião semanal com os pais para falar de como estão as crianças e coisas assim.

Então, os gêmeos começam a saltitar à minha volta como dois *terriers* a ladrar.

— Vê o meu, vê o meu!

— Não, o meu!

— Já viu o que arranjou? — diz a Claudia, a rir, mas, de repente, leva as mãos ao fundo das costas.

Apoia-se na bancada, com uma expressão de dor no rosto.

— Está tudo bem, querida? — pergunta o James, começando a levantar-se, mas a Claudia levanta uma mão, murmurando *estou bem* entredentes.

— Deixem-me lá ver. Mmm... Neste desenho, pareço um extraterrestre com lábios cor-de-rosa gigantes e careca. E neste sou meio-humana, meio-cavalo, com uma crina até ao chão.

— NÃÃÃOOO! — gritam os rapazes em uníssono.

Riem-se e o Noah empurra o Oscar, que se mantém no lugar.

— Qual? Qual é que é o melhor?

— Gosto muito dos dois por igual. Vocês são uns grandes artistas e ganharam os dois. Posso ficar com os desenhos?

Os rapazes acenaram com a cabeça, maravilhados e de boca aberta, deixando os pequenos dentes à mostra. Viram as costas satisfeitos e oiço uma cascata de legos quando despejam uma caixa inteira no chão do quarto dos brinquedos.

— Acho que você é um sucesso — diz a Claudia. — Quer fazer alguma pergunta?

— Sim — respondo, sem conseguir não olhar-lhe para a barriga. É como se alguém estivesse a carregar a fundo no acelerador do meu coração. — Quando é que nasce o bebé?

Era o que eu estava morta para perguntar desde o início.

**A** inspetora Lorraine Fisher nunca vomitara em serviço. Encostada à parede, limpou a boca com as costas da mão. Não trazia lenços.

— Quem é você? — perguntou ao homem parado no pequeno corredor do apartamento.

Tinha a garganta a arder e uma expressão azeda.

— Não se importa de me dar uma declaração em exclusivo, inspetora? Acha que se trata de um homicídio? — perguntou ele.

— Tirem-me este tipo daqui, seus idiotas, isto é uma cena de crime — gritou para os colegas.

Seguiu-se um turbilhão de atividade dos homens em fatos brancos e foi como se o jornalista nunca tivesse existido.

Lorraine sentiu novamente uma intensa vontade de vomitar, mas sabia que já não tinha mais nada no estômago. Não tivera tempo de tomar o pequeno-almoço, não almoçara e parecia pouco provável que fosse jantar. Já nem o pacote de batatas fritas lhe restava no estômago.

— Nunca vi uma coisa assim — disse ela, levando a mão à testa.

Recompôs-se logo, quando se apercebeu de que aquele gesto poderia dar a impressão errada a quem não a conhecesse. Era polícia há 20 anos e nunca se deparara com uma cena tão tenebrosa e triste. Como mulher — como *mãe* —, estava absolutamente revoltada. Voltou a tapar a cara com a máscara branca e respirou fundo — em parte para ganhar coragem, e em parte para não ter de respirar o cheiro a podre que enchia a pequena casa de banho.

Tudo acontecera ali, percebeu isso imediatamente. Não havia sangue em mais nenhum lado no apartamento. Os mosaicos de cerâmica, que já tinham sido brancos, com a massa cheia de bolor na borda da banheira, estavam salpicados e sujos de sangue — variando entre o cor-de-rosa e o grená escuro, quase castanho, e serpenteando pelos azulejos como uma espécie de estranha obra de arte da Tate Modern.

*Meu Deus... o que é que se terá passado aqui?*

No lavatório, estava um martelo e uma faca de cozinha. A faca fazia parte de um conjunto da cozinha do apartamento. Estavam ambos sujos de sangue. A torneira da banheira pingava de dois em dois segundos, criando um rio limpo e branco numa das pontas da banheira de plástico coberta de sangue. A mulher deitada lá dentro encontrava-se meio-despida. O ralo estava tapado. O bebé azul e sem vida, com a delicada pele toda manchada. Nódos negras com marcas de dedos decoravam-lhe os ombros de quando, calculou, lhe tinham arrancado aquilo do útero.

Estacou. *Aquilo?*, indignou-se. *É um rapaz*, ralhou consigo mesma. *Um bebezinho.*

Pensou nas suas próprias filhas e olhou para o relógio. Stella tinha exame de piano na manhã seguinte e, ultimamente, os ensaios não haviam sido propriamente a sua prioridade.

Tinha de pensar nessas coisas — obrigar o espírito a concentrar-se em coisas normais, no quotidiano, no banal.

Depois, havia Grace e os malditos exames para a faculdade. Tinha várias provas depois do Natal e Lorraine não fazia ideia se andaria a estudar ou não. Enquanto olhava para o espetáculo horrível na banheira, tentava não se esquecer de tratar disso mais tarde. Imagens das filhas bebés atravessavam-lhe a mente. *Tudo bem*, pensou. *Eu estou bem... estou só a tentar centrar-me neste mundo ao contrário.* O que não parecia bem era pensar na família ao mesmo tempo que pensava em quem quer que tivesse feito uma coisa daquelas.

A mulher era nova. Vinte e poucos anos, calculou Lorraine, ainda que fosse difícil dizer. Alguém lhe abrira a barriga grávida — de uma forma bastante limpa, era verdade —, desde o esterno ao osso pélvico, e estava agora desinchada e cheia de pregas. Ainda se sentia o cheiro ligeiramente adocicado do líquido amniótico misturado com o odor metálico de sangue. Mas, sobretudo, era o fedor nauseabundo de decomposição. A tampa do ralo estava a proteger os segredos que aqueles cerca de três centímetros de líquido tenebroso continham. Estaria em breve a caminho do laboratório, para uma análise cuidada.

— Quem fez isto, não teria passado nos exames de medicina — disse Lorraine através da máscara e por cima do ombro.

Reparou no inspetor Ainsley encostado ao umbral da porta, com uma mão a tapar a boca.

— Está mal feito, olha — indicou com o dedo, desenhando uma linha no ar por cima do cadáver. — A minha cicatriz é mais abaixo.

Sentiu vontade de tocá-la, a linha direita por onde Stella e Grace haviam sido tiradas, esperando e a gritar, mas não o fez.

Lorraine olhou para a cara da mulher morta. Contorcida em agonia, a língua mordida a pender, os dedos cheios dos seus próprios cabelos, como se os tivesse arrancado com as dores, marcas de marteladas nas bochechas — aquela mulher morreria num cenário de pânico e terror sanguinário.

— O que é que sabemos sobre ela? — perguntou Lorraine, afastando-se.

Tinha de sair dali. Sentia-se claustrofóbica na pequena casa de banho.

— Chama-se Sally-Ann Frith — disse o inspetor Ainsley. — Mãe solteira. Bom, ia ser mãe solteira — corrigiu-se. — Não sabemos quem era o namorado ou o pai da criança. Os vizinhos dizem que costumava vir cá um homem. E que, às vezes, se ouviam gritos.

— Continuem a fazer perguntas aos vizinhos. Quero toda a gente do prédio interrogada hoje — ordenou Lorraine, calçando umas luvas de látex.

Avançou lentamente até à pequena sala, varrendo o conteúdo com os olhos. Um sofá estampado, uma televisão velha, um candeeiro, uma lareira com algumas molduras em cima. A carpete bege tinha algumas nódoas. Tudo banal. Havia uma pequena secretária a um canto, com um computador portátil, algumas folhas de papel e uns livros escolares em desalinho.

— Pelos vistos, devia ser estudante, ou assim — disse ela, lançando um olhar pelos livros. — *Noções Básicas de Contabilidade de Gestão* — leu. — Deve ser muito divertido...

— Ray... — ouve-se uma voz urgente. — Vim para cá o mais depressa que pude.

Lorraine estarreceu, mas só por um segundo. Voltou-se para o cumprimentar.

— Olá, Adam — retorquiu, num tom agastado.

Quem lhe dera que tivessem destacado outra pessoa para aquele caso. Ser o marido a chefiar uma investigação nunca era fácil.

— Não me trates assim, por favor.

— Desculpa, Lorraine — disse ele, sabendo perfeitamente que ela detestava ser tratada por Ray, quer no trabalho quer fora dele.



— Já sabemos o que se passou?

Aproximou-se dela, ignorando o seu ar tenso. Usara o novo gel de banho da mulher. Bem lhe sentia o cheiro!

— Está uma mulher morta na banheira. Estava grávida.

Adam saiu para inspecionar a casa enquanto ela pegava cuidadosamente em algumas das pastas que estavam em cima da secretária. A maior parte, coisas tipicamente de estudante, mas havia uma que era diferente. Estava encadernada com uma espiral de plástico cinzento-claro, com as palavras Centro Médico Parque dos Salgueiros impressas em prateado na capa. Por cima das letras, uma imagem de um salgueiro azul-marinho — o logótipo do hospital. Ouvia Adam reprimir um vômito na casa de banho.

Lorraine abriu a pasta. A primeira página tinha informações gerais sobre Sally-Ann. Data de nascimento, números de telefone, pessoa de contacto em caso de emergência — um tal Russ Goodall. Reparou que tinha havido outro nome, mas fora tão riscado com uma caneta preta, que era impossível ler. Um namorado anterior?, pensou. O pai?

As páginas seguintes eram gráficos e pormenores sobre a gravidez da vítima — peso, tensão arterial, resultados de análises à urina. Parecia tudo perfeitamente normal. Era novembro, e as entradas haviam começado nos finais de abril, a primeira vez, aparentemente, em que fora ao médico. Estava previsto que desse à luz dentro de duas semanas.

Adam reapareceu, a suar e extremamente pálido.

— Meu Deus.

— Eu sei — respondeu Lorraine com um olhar sombrio.

Já não era importante. Nada daquilo. Tinham as suas filhas, a sua casa. Os seus empregos. Estava tudo bem com eles, não estava?

— Desculpa aquilo há bocado, Ray — disse Adam.

Ela ouviu-o a forçar-se a engolir qualquer coisa. Tinha uma palidez esverdeada no rosto.

— Tudo bem — respondeu, sabendo que não trocariam nem mais uma palavra sobre a discussão ao pequeno-almoço.

Fora uma briga sem sentido, instigada por logísticas familiares e ciúmes disparatados.

— Era estudante de contabilidade — continuou ela.

Nem sequer lhe iria pedir novamente que não a tratasse por Ray.

— Vinte e quatro anos. A pessoa de contacto é um tipo chamado Russ Goodall. Vou ao centro médico — disse ela, pegando na pasta.

— Porque é que alguém faria uma coisa destas a uma mulher grávida? — perguntou Adam, abanando a cabeça e olhando pela janela.

Na casa em frente, uma mulher estava a dobrar lençóis no andar de cima, fingindo não olhar para a rua, onde estavam estacionados meia dúzia de carros da polícia, e o prédio inteiro vedado por uma fita de cena de crime. Precisariam de falar com ela, pensou Lorraine. Tinha uma vista perfeita.

— Alguém tentou cortar o cordão umbilical. Reparaste?

Adam acenou com a cabeça. O seu estômago nunca aguentara muito bem aquele tipo de coisa. Lorraine sabia que ele teria de ir correr, pelo menos, dez quilómetros para conseguir tirar aquela imagem da cabeça.

— Talvez tenha entrado em trabalho de parto, surgiu uma complicação qualquer e quem quer que estivesse com ela armou-se em herói e tentou fazer uma cesariana de emergência — continuou ela.

Ele pegou num dos três cartões alinhados no parapeito da janela.

— Correu mal, assustou-se e fugiu.

— Vê isto.

— *Boa sorte! Com amor, Russ.* — Lorraine soltou um suspiro.

— Não há dúvida de que é o mesmo Russ da ficha médica.

— Nenhum dos cartões diz por que razão ela precisava de sorte — disse ele, voltando a pousá-los no parapeito com as mãos enluvadas.

— Há um de uma tal Amanda e outro da mãe.

— Alguém manda cartões de boa sorte a quem vai ter um bebé? Podem ser por outra coisa. Um exame de condução, ou da faculdade, talvez.

— Não é costume mandar os cartões depois de se ter o bebé? — perguntou Adam.

— Estás a perguntar-me ou a afirmar? — observou Lorraine, sentindo algo inapropriado a crescer dentro de si. — Mas tu não és grande coisa a mandar cartões, seja por que motivo for, pois não, Adam? Especialmente anos de cas...

— Chega — disse ele, levantando a mão.

Tinha razão. Lorraine sentiu-se tentada a pegar-lhe na mão enluvada, mas achou melhor não. Durante todos aqueles anos em que trabalhavam juntos — e ela já lhes perdera a conta — as demonstrações de contacto físico ou de afeto durante o trabalho era algo proibido entre eles. Por vezes, chegava a ser uma surpresa que fossem casados, para os colegas que não os conheciam tão bem. Apelidos

diferentes, pequenas discussões frequentes, e o facto de Lorraine se recusar a usar aliança, tudo parecia indicar que não tinham nada a ver um com o outro fora do trabalho. Além disso, no serviço, muitas vezes esforçavam-se por evitar-se. Somente nos grandes casos — casos como o de Sally-Ann —, em que sabiam que teriam de juntar forças e combinar décadas de experiência.

— Podem ser cartões para desejar boa sorte para a operação.

Lorraine estava outra vez a vasculhar a ficha clínica. Não reparara naquilo da primeira vez.

— Qual operação? — perguntou Adam, aproximando-se da secretária.

Não havia dúvida de que usara o seu gel de banho *Acqua di Parma*, a quase 30 euros o frasco. A seguir, iria lavar o tapete com ele...

— Esta — disse ela, enquanto pensava em esconder o gel de banho mais tarde.

Queria ter uma coisa só dela, algo que a fizesse sentir um bocadinho especial. Lorraine apontou para a margem superior do papel. Era a mesma letra dos cadernos de estudo — a de Sally-Ann, supuseram.

Adam leu a pequena anotação: «Cesariana. 18 de novembro. Chegar antes das 8 da manhã. Dr. Lamb. Ala Bradley. Fazer a mala.»

— É amanhã — disse Lorraine, encarando o marido. — Mas alguém chegou cá primeiro.

# Ela tem algo que outra pessoa quer. A qualquer custo...

Claudia parece ter a vida perfeita. Está grávida, vai ter um bebé muito desejado, tem um marido que a ama, embora ausente, e uma casa maravilhosa.

Depois, Zoe entra na vida dela. Zoe foi contratada para a ajudar quando o bebé nascer, e parece a pessoa certa para o cargo. Mas há qualquer coisa nela de que Claudia não gosta e que a faz desconfiar.

Quando encontra Zoe no seu próprio quarto, a remexer nos seus bens pessoais, a ansiedade de Claudia torna-se um medo bem real...

«Muito tenso e extremamente bem escrito.»

*Independent*



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.



**TOPSELLER**  
livros que se devoram

20|20 editora

Ficção estrangeira

ISBN 978-989-8626-47-9



9 789898 626479

[www.topseller.pt](http://www.topseller.pt)